

# Marcadores identitários mato-grossenses: a comida nos rasqueados

## Mato-grossenses identity markers: food in rasqueados

**Regiane Caldeira da Silva<sup>1</sup>**

UNEMAT: <https://orcid.org/0000-0002-0920-9922>

**Maria Inês Rauter Mancuso<sup>2</sup>**

UFSCAR: <https://orcid.org/0000-0001-6290-1232>

DOI: <https://doi.org/10.21680/1982-1662.2019v2n25ID17376>

### Resumo

Como expressão cultural e entretenimento, a música configura-se como aparato de estudo e compreensão de espaços e realidades sociais, instrumento para o compartilhamento e exposição de vivências e memórias. Sem pretensão de estudar mudanças sociais como fez Antônio Candido por meio da música-cururu, este estudo busca observar o papel da comida nas letras de rasqueado, estilo musical mato-grossense. Dados foram gerados primeiramente por busca online de trabalhos que versam sobre o rasqueado, depois por músicas e suas letras com as palavras-chave “rasqueado mato-grossense”, o que incluiu vídeos do Youtube. Além disso, foi utilizada a lista de artistas do rasqueado cuiabano compilada por Arruda (2007), dividida em velha guarda e nova geração. Os trabalhos de Ariano (2002), Benites (2010) e Porto *et al* (2005) foram também úteis na identificação de artistas e músicas, assim como para conhecimento do rasqueado. Ao todo foram selecionadas nove músicas. Notou-se que a comida no espaço-música desenvolve o papel de marcador identitário, instrumento representativo da cultura mato-grossense, cantada com alegria, muitas vezes com saudade, nostalgia e crítica. Juntamente com outros elementos, estabelece uma estrutura (dinâmica) que aponta “fazemos e/ou comemos isso/aquilo pois somos cuiabanos e/ou mato-grossenses”, o que corrobora com o que aponta Brillat Savarin “dize-me o que comes e te direi quem és”. Logo, comida não serve apenas para encher o estômago, serve para pensar, comunicar e compreender o

---

<sup>1</sup> E-mail: [regianecaldeira@unemat.br](mailto:regianecaldeira@unemat.br)

<sup>2</sup> E-mail: [inesmancuso.ds@gmail.com](mailto:inesmancuso.ds@gmail.com)

que nos faz humanos, como destaca Lévi-Strauss.

**Palavras-chave:** Cultura. Gosto. Música. Típico.

### **Abstract**

As a cultural expression and entertainment, music is configured as an apparatus of study and understanding of spaces and social realities, an instrument for sharing and exposing experiences and memories. Without pretending to study social changes as Antonio Candido did through cururu music, this study seeks to observe the role of food in the lyrics of rasqueado, musical style of Mato Grosso State. Data were generated primarily by online search for works that related to rasqueado, then by songs and their lyrics using the keywords "rasqueado mato-grossense", including Youtube videos. In addition, the list of artists compiled by Arruda (2007) divided in old guard and new generation of rasqueado was used. The studies of Ariano (2002), Benites (2010) and Porto *et al.* (2005) helped in the identification of artists and music, as well as review about rasqueado. In all, nine songs were selected. It was noted that food in space-music develops the role of marker identity, an instrument representative of Mato Grosso State culture, sung with joy, often with longing, nostalgia and criticism. Together with other elements, it establishes a (dynamic) structure that points to "we do and / or eat this / that because we are cuiabanos and /or Mato Grosso citizens", which corroborates with Brillat Savarin "tell me what you eat and I will tell you who you are". Therefore, food serves not only to fill the stomach, but also serves to think, communicate and understand what makes us human, as Levi-Strauss emphasizes.

**Keywords:** Culture. Taste. Music. Typical

### **Introdução**

Antonio Candido (1971, p.9) relata que a origem do estudo sobre o caipira "nasceu de uma pesquisa sobre a poesia popular como se manifesta no Cururu - dança cantada do caipira paulista.". As mudanças observadas nas letras correspondiam a

diferentes momentos da sociedade caipira no tempo, o que o levou a alargar a investigação e chegar a observar mudanças nos meios de vida e, em especial, na alimentação. Sem a pretensão de estudar mudanças sociais, este estudo busca observar o papel desenvolvido pela comida nas letras de rasqueado, estilo musical mato-grossense.

A geração de dados se deu primeiramente por meio de busca *online* por trabalhos que versam sobre o rasqueado, depois por músicas e suas letras com as palavras-chave “rasqueado mato-grossense”, o que incluiu vídeos do Youtube. Ao longo do processo de busca foi também utilizada uma lista de artistas do rasqueado cuiabano compilada por Arruda (2007), dividida em velha guarda e nova geração. Contudo, a disponibilidade destes trabalhos na internet ainda é pouco representativa se comparada com a listagem. Algumas músicas são até mencionadas em reportagens que tratam sobre o rasqueado, mas não há letras, áudios ou vídeos disponíveis *online*. Outras disponibilizam vídeos no Youtube, mas não as letras, o que requereu transcrições. Os trabalhos de Ariano (2002), Benites (2010) e Porto *et al* (2005) foram também utilizados na identificação de artistas e músicas, assim como, para pesquisa sobre o rasqueado de uma forma geral. Ao todo foram selecionadas nove músicas, tendo como requisito de seleção a presença de práticas, memórias e significados ligados a comida.

A música é fluida, perpassa diferentes ambientes e grupos, carregando nas letras a musicalidade das experiências percebidas e/ou vivenciadas pelos que as cantam. Essas falas cantadas carregam muitas vezes o poder de despertar no outro o sentimento de pertença àquela história, engrossando o número de vozes que as repetem, as internalizam e legitimam. Assim, as “letras produzem sentido que são apropriados pelos atores e se tornam parte do mundo em que vivem” (FELTRAN, 2013, p.47).

Nesse processo de se tornar música, o cantar destes cotidianos “espanta os males”, conforme ditado popular. Que males são estes? Talvez os males de não ter a própria voz ouvida, males da invisibilidade, indiferença, desigualdade e inferioridade cravada nas expressões desses cotidianos, feios demais para serem “levados a sério” quando expressos em cantorias. No entanto, ao dar-se espaço à expressividade musical e à tradição que esta busca representar, propiciamos capacidade analítica ao complexo ordenamento de espaços sociais e territórios urbanos, capacidade esta que

nem sempre pode ser desenvolvida por outros meios (FELTRAN, 2013).

As letras musicais geralmente fazem referência a contextos sociais, culturais, espaciais, econômicos e políticos, facilitando a localização do indivíduo ou grupos no mundo e em seus mundos. Trata-se de um “aparato para a leitura do compartilhamento e da construção da memória e dos símbolos neles existentes, estudar a música é estudar o lugar onde ela é produzida e tocada, com seus valores sociais e culturais” (TORRES e KOZEL, 2010, p.128).

O ato de escrever músicas carrega a missão de representar, contar e cantar o que se passa na realidade ou na imaginação. Para os que apenas ouvem a música pode não passar de entretenimento, mas para os que escutam, pode surgir a identificação com o que é narrado e como é narrado.

Os cotidianos cantados direcionam para a compreensão de relações que podem não estar claras ou não existir em outras fontes. A música e seu elemento textual caracterizam-se como um insumo para o pensamento completo e complexo sobre as territorialidades múltiplas, sendo um retrato/relato do cotidiano de lugares que evoca determinados eventos com forte simbolismo para os que as cantam e vivenciam (FUINI, 2014). “O canto sempre foi uma dimensão potencializada da fala. [...] a fala contém suas próprias leis que interagem continuamente com as leis musicais” (TATIT, 2004, p. 41).

As chamadas “linguagens alternativas” (ABUD, 2005) mobilizam uma vasta gama de informações que compõem o mundo social, estejam essas informações presentes ou não na vida cotidiana cantada, pois a presença é destacada, assim como a ausência. Tais elementos representam pontos de referência que, de uma forma ou outra, contribuem para construção e exposição de padrões ligados ao falar, comer, vestir, pensar, agir, etc., assim como a possibilidade de contestação.

Intenta-se por meio deste contribuir com a exposição de elementos ligados à comida, ao gosto, saberes, fazeres e comeres mato-grossense presentes nos rasqueados.

### **Rasqueado como gosto**

Por meio da lei 8.023 de 2004 o rasqueado foi declarado ritmo musical símbolo de Mato Grosso. Esta expressão cultural, além dos espaços de festa e jurídicos, passa a

fazer parte também dos ambientes escolares por meio de esforços múltiplos (produção de materiais didáticos, oficinas, palestras, exposições, etc.), provenientes especialmente dos artistas que escrevem, cantam, dançam e promovem o rasqueado.

No ambiente acadêmico, a produção ainda é tímida. Em uma busca rápida (realizada no dia 28 de janeiro de 2018) no Scielo (Scientific Electronic Library Online) nenhum trabalho foi localizado utilizando a palavra-chave “rasqueado”. Utilizando o Google Acadêmico (sem citações) com a mesma palavra-chave obtiveram-se 386 resultados. Destes, dois versam especificamente sobre o rasqueado, enquanto os outros o citam como parte de diferentes universos em estudo. As temáticas ligadas às expressões culturais do saber, fazer e comer presentes nos rasqueados também não foram alvo de estudo. Neste contexto, esta é uma tentativa de contribuir.

Cururu, Siriri, São Gonçalo e Rasqueado são músicas e danças encontradas especialmente na Baixada Cuiabana e Pantanal Mato-grossense (GRANDO, 2005). O rasqueado é a música popular mato-grossense formada a partir de ritmos africanos, indígenas e europeus como o lundu (popular durante o século XVIII, advindos possivelmente de Angola), o cateretê (origem Ameríndia) e o habanera (Hispano-árabe do Século X, trazida pelos portugueses) (ANDRADE, 1989 apud ARRUDA, 2007).

O rasqueado teve origem durante a Guerra do Paraguai (Guerra da Tríplice Aliança) e teve significativa influência da polca paraguaia. O pré-rasqueado teve origem então da mistura do siriri, cururu e polca, posteriormente originando o rasqueado. As maneiras de dançar são denominadas liso<sup>3</sup>, crespo<sup>4</sup> e rebuça e thuça<sup>5</sup>, quadradinho ou de salão<sup>6</sup> (ARRUDA, 2007).

Para executar os sons necessários ao rasqueado são utilizados a viola de cocho<sup>7</sup>, o ganzá, o mocho ou adufo e o violínofone, isso em seu formato tradicional. A partir dos anos 70 as bandas começaram a usar instrumentos eletroacústicos e contemporâneos. Na área rural predominavam os instrumentos acima citados e, na área urbana, o bandolim, baixo, banjo, bateria, guitarra, naipe de sopro, piano, surdo e tarol (caixa), violão, violino e violínofone (ARRUDA, 2007).

Com essas mutações, o rasqueado de predominância ribeirinha foi adaptado

<sup>3</sup> Forma de dançar arrastando os pés, sem tirá-los do chão.

<sup>4</sup> Nem sempre os passos são arrastados, podendo tirar os pés do chão.

<sup>5</sup> O casal se abraça firmemente trazendo os corpos bastante próximos, usando um gingado sensual. Rebuça e tchuça (ou chuça) é definido como baile no dicionário cuiabano da Prefeitura de Cuiabá - <http://www.cuiaba.mt.gov.br/secretarias/cultura/dicionario-cuiabano/>

<sup>6</sup> Forma de dançar nos quatro cantos do salão, em salões populares.

<sup>7</sup> Instrumento musical criado pelos ribeirinhos de Cuiabá, um dos símbolos do Estado (ARIANO, 2002).

também para um som urbano (a partir da década de 20), como parte das atividades da cidade. Com os tradicionais “tchá co bolo”<sup>8</sup> e procissões de santos, o rasqueado tornou-se um dos símbolos de Mato Grosso. O rasqueado foi também incorporado a algumas produções musicais da Orquestra do Estado de Mato Grosso (MARIMON, 2013).

A dança do rasqueado ocorria nos bailes de “quiçaça” ou “tchinfrins”<sup>9</sup> como eram conhecidos. Mais tarde, estas músicas começaram a ser tocadas e dançadas nos bailes de carnaval e festas juninas ou em qualquer festividade da população ribeirinha (PORTO et al, 2005), indicando sua disseminação nos mais diferentes espaços e apreciado por públicos diversos. Com as adaptações ocorridas ao longo dos tempos como a inserção de equipamentos eletrônicos e movimentos sensuais, passou a atrair também um público mais jovem, diferentemente de outras danças tradicionais. Hoje é dançado em praticamente todos os tipos de festas, por públicos de todas as faixas etárias (PORTO et al, 2005).

Com a divisão do Estado em 11 de outubro de 1977, a parte cultural de Mato Grosso é deixada de lado por seus governantes, os quais mantiveram seu foco nas questões agrárias e econômicas. As terras mato-grossenses abertas à colonização não possuíam infraestrutura capaz de albergar e fixar todo o contingente migratório<sup>10</sup> que estava por chegar. Assim, o elemento artístico-cultural não era ponto para as pautas, sendo que somente em 1991 uma política estadual de incentivo à cultura foi criada, seguida da criação da Secretaria de Cultura do Estado em 1995 (SIQUEIRA, 2002).

O movimento de recebimento de “outros” moradores fez com que muitos grupos buscassem formas de registrar e até reavivar suas expressões culturais pois, diante da chegada de outras formas culturais, os espaços deveriam estar delimitados a fim de evitar ou minimizar perdas de território. “Antropólogos comumente reconhecem pessoas em movimento - migrantes, refugiados e colonizadores - como agentes de mudanças” (MINTZ; DUBOIS 2002, p.105). Neste caso, estimularam-se pertencas (*belonging*) e a promoção de ações visando fortalecer, preservar e difundir

---

<sup>8</sup> O chá com bolo - tchá co bolo é uma expressão do linguajar mato-grossense. Em geral são servidos bolo de queijo, bolo de arroz, francisquito um biscoito a base de trigo e raspas de limão) e chás como: erva cidreira, mate, canela.

<sup>9</sup> Na área rural em formato simples.

<sup>10</sup> Os anos 50 marcaram o início de um processo de intenso crescimento demográfico que, durante a década de 60, tornou-se ainda mais veemente, posto que foram iniciados projetos de desenvolvimento e colonização, destinados a promover a ocupação da área. O incremento populacional continuou forte até meados dos anos 80, quando a taxa de crescimento demográfico da região sofreu significativa redução, fato que, não por acaso, coincidiu com a interrupção dos incentivos governamentais fartamente oferecidos até então para projetos de colonização e expansão da fronteira agrícola (Martine, 1994).

a cultura local por meio do rasqueado. Os movimentos de maior destaque foram o Grupo Sarã, os trabalhos de Vera-Zuleika, o evento "Encantação Mato Grosso", a Caravana do Rasqueado e Confraria do Rasqueado. Esses movimentos englobam tanto a "velha guarda e a nova geração do rasqueado" (ARRUDA, 2007).

As letras musicais, o canto e a dança compõem uma forma de salvaguardar e promover as diversas práticas sociais dos envolvidos. No caso do rasqueado, constituem um arquivo da memória cultural Mato-grossense. Por conseguinte, evocam identidades historicamente construídas (BENITES, 2010). Essa memória social é formada a partir de investimentos que o grupo faz ao longo do tempo a fim de dar a cada membro do grupo - quer se trate de família ou de nação - o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência (POLLAK, 1992), em outras palavras: a coesão tão cara à manutenção de grupos e sociedades (DURKHEIM, 2004).

### **O gosto no rasqueado**

Em meio a este universo, no qual a liga (coesão) e o ligar-se fazem-se necessários, as expressões culturais por meio do que é comida e do que é comido compõem um vasto menu capaz de unir gostos (como também distanciá-los), construir memórias e identidades, assim como e especialmente direcionar práticas sociais, as quais são difundidas por meio dos mais variados canais, sendo um deles a música.

Elencar elementos característicos dos sujeitos e suas práticas estabelece diferenças e identidades. "A alimentação demanda seleção e combinação (de ingredientes, modos de preparo, costumes de ingestão, formas de descarte, etc.) que manifestam escolhas que uma comunidade faz, concepções que um grupo social tem e, assim, expressam uma cultura" (AMON; MENASCHE, 2008, p.15) por meio dos alimentos que fisicamente entram pelos corpos e lá permanecem simbolicamente, mesmo que temporariamente dada a dinamicidade das culturas e identidades.

Os rasqueados são arquivos recheados de informações que possibilitam visualizar indivíduos, grupos e seus gostos. Nestas músicas, notamos de forma bastante clara a importância da comida como marcador identitário.

Na música "guri cuiabano" de Moisés Martins (música 01), uma descrição do menino tipicamente cuiabano é apresentada, tendo a comida como marcador desta representação. A forma de mostrar aos outros como quer ser visto é resultado de uma

imensa cooperação propagada no espaço e pelo tempo, constituída pela união, combinação e entrelaçamento de ideias e sentimentos provenientes do acúmulo de experiências e saberes de múltiplas e sucessivas gerações, conferindo uma intelectualidade coletiva rica e complexa aos seus produtores, denominada representação coletiva (DURKHEIM, 1989) e posteriormente representação social (MOSCOVICI, 2011).

**Guri cuiabano (música 1)**  
**(Moisés Martins)**  
 Bom de bola,  
 Cabra da peste,  
 Guri digoreste...  
 Óia o pé de moleque,  
 Pirolito, francisquito,  
 Bolo de queijo e cuzcuz.  
 Óia o cuiabaninho, chapa i cruz!  
 Guri daqui,  
 Tem gosto de alegria,  
 Mistura de pixé,  
 Picolé e pescaria.

É um guri digoreste, ou seja, bom demais. Em alguns dicionários *online* esta palavra é destacada como parte do vocabulário cuiabanês.

As comidas são citadas como forma de apresentar os hábitos alimentares presentes no cotidiano cuiabano, o que não deixa de fazer parte de outros lugares no estado. O francisquito é um tipo de biscoito muito comum nas festas de santo. Tem como base o trigo, banha de porco<sup>11</sup>, açúcar, ovos, sal e fermento; outros ingredientes podem ser adicionados à massa de acordo com os gostos de quem prepara. Entre outras possibilidades pode-se fazer uma crosta de açúcar sobre o biscoito já assado ou adicionar erva doce, raspas de limão, canela, leite condensado, coco ralado.

Em um vídeo disponibilizado no Youtube intitulada “receita francisquito” (MT TV, 2015) é compartilhado o modo de preparo do biscoito e uma breve história sobre a família que o prepara. O biscoito, além de alimento, é fonte de renda há muitos anos para este grupo familiar, assim como para muitas outras pelo estado. Os responsáveis pela produção é o casal Sr.Mário e D.Gonçalina. A receita foi passada de mãe para filho. O processo de preparo geralmente envolve várias pessoas, especialmente nos momentos de festa, produzindo sociabilidades por meio da comida, além de satisfazer

<sup>11</sup> A banha é muitas vezes substituída por manteiga, margarina ou óleo de soja.

o corpo físico, a produção e consumo destes pratos constroem relações e identidades (LUCENA,2004).

Outros pratos presentes na música são o bolo de queijo, o cuscuz e o pixé. O bolo de queijo, pão de queijo e chipa muitas vezes são confundidos como sendo a mesma coisa, mas não o são, especialmente em termos simbólicos. Todos são assados: o pão de queijo é característico de Minas Gerais, a chipa da culinária paraguaia, assimilada pelas cozinhas do Mato-Grosso do Sul e Mato Grosso e o bolo de queijo bastante disseminado em Mato Grosso. Os ingredientes (queijo meia-cura, ovos, polvilho azedo, manteiga, sal e fermento em pó) são geralmente os mesmos, porém, no preparo da chipa e do bolo de queijo o polvilho não é escaldado<sup>12</sup>. Além disso, os formatos são diferenciados. O bolo de queijo normalmente possui um formato de “bolinha”; a chipa de “ferradura” ou “meia-lua” e, o bolo de queijo, um formato similar às broas de fubá, mais achatado que o pão de queijo. De acordo com uma das produtoras<sup>13</sup> tradicionais de bolo de queijo em Cuiabá, a massa contém mais queijo e menos polvilho se comparado ao pão de queijo.

Nota-se que as migrações influenciam fortemente as produções alimentares pois “as cozinhas típicas e regionais são processos de lentas fusões e mestiçagens, desencadeadas nas áreas fronteiriças e depois arraigadas nos territórios como emblemas de autenticidade local, mas cuja natureza é sempre híbrida e múltipla (MONTANARI, 2013, p.11). O típico de “lá” mistura-se como o típico de “cá”, formando novos pratos, reflexo das novas composições sociais.

O pixé, citado na música em questão e também conhecido como paçoca doce, é um prato típico do estado de Mato Grosso, preparado com milho torrado, açúcar e canela, servido em cones de papel ou, em uma versão mais moderna, em potinhos de plástico. É tema também do rasqueado - Pixé (música 02), escrito por Pescuma (jornalista, apresentador de televisão, compositor e cantor), nascido em São Luiz do Paraitinga-SP, mas que há muitos anos vive em Mato Grosso, um verdadeiro “pau fincado”<sup>14</sup>, expressão presente no rasqueado “pau fincado” de

<sup>12</sup> O processo de escaldar envolve a mistura do polvilho com um líquido fervente, no caso do pão de queijo, o óleo, necessário para que o polvilho libere glúten, dando mais liga à receita, por isso o aspecto “puxento” do pão de queijo.

<sup>13</sup> Conversa por WhatsApp com a neta de D.Eulália-produtora tradicional de bolo de arroz, chipa e bolo de queijo em Cuiabá. Comunicação realizada em 31/01/2018.

<sup>14</sup> Nas páginas do jornal Diário de Cuiabá, de 11 de outubro de 1970, Rubens de Mendonça, historiador, situa a origem dessa representação: Se houve animosidade um dia, foi apenas manifestada em chiste, como nestas quadras de Frederico de Oliveira, o Zé Capilé, criador da expressão paus-rodados, para os

Vera e Zuleica a ser discutida mais à frente no texto.

**Pixé** (música 02)

**(Pescuma)**

Milho torradinho socado

Canela açucarada.....

A branca pura daquela gurizada.....

Do tempo do campo d'ourique...

Quando a pandoga,o finca-finca,o buscape e o trique trique

Pintavam o ceu com pingos de luz.....

É tempo bom que não volta mais

Só na lembrança de quem foi menino

E hoje é rapaz

Milho torrado,bem socadinho....

Ai que saudade dos meus tempos de menino

Um dia ainda verei ...eu tenho fé....

Meu neto... meu neto.... com a boca toda suja de pixé!!!!!!!

Esta paçoca doce pode ser utilizada também em bebidas. É, por exemplo, um dos ingredientes usado na cerveja cuiabana “Benedita”, com versão Benedita Pilsen, Benedita Pale Ale com Pixé e Benedita Furrundu Stout (MEDEIROS, 2015). O furrundu é um doce típico do estado feito com mamão verde ralado, adoçado com rapadura e temperado com cravo, canela, coco, etc, com a consistência de uma cocada mole. Na versão tradicional usa-se o tronco do mamoeiro, conhecido como “pau de mamão”. O mamão possui consistência mais macia e, o pau-de-mamão, mais densa. A música “Furrundu” composta por Pescuma tem como objeto esta comida. O doce é descrito tanto em termos de ingredientes e suas características, como modo de fazer. Além do ritmo marcado pelo som característico do corte do tronco do mamoeiro e seu ralar, a música traz um sensualismo característico de muitas músicas e dança deste estilo, utilizando palavras que carregam duplo sentido no senso comum.

**Furrundú** (música 03)

**(Pescuma)**

Furrundú doce de pau

Do pau do mamoeiro

---

filhos de fora desocupados que aqui vinham explorar politicagem: ‘E depois a canaia de fora, Pau-rodado que aqui encaiô, Priquitada, em redó do governo, A chupá todo o nosso suô’. A expressão pau-rodado aparece também para designar os técnicos que o governador Pedro Pedrossiam trazia de fora - entre 64 e 67 - para a construção de obras no estado. Estes eram identificados como forasteiros só pelo olhar, por usarem roupas diferentes. Esta desqualificação da mão-de-obra local reforçava o grau de agressividade que a classificação pau-rodado comporta. O tratamento como pau-rodado é acionado em momentos em que os naturais da cidade sentem-se espoliados por alguém de fora. O pau-fincado por outro lado é uma nova categoria criada a fim de abrigar os grupos heterogêneos criados a partir do crescimento e diversificação da população. Os “paus-rodados” que se estabeleceram com ânimo de ficar tornam-se “paus-fincados” (ARIANO, 2002).

Até parece com uma dança  
 Mas é só doce caseiro  
 Rala, rala, raspa, raspa  
 Esse pau todo grudento  
 Rala, rala, raspa, raspa  
 Esse pau que é alimento  
 O leite que dele escorre  
 Quando o pau é decepado  
 Lembra um certo caldinho  
 Grudento que nem melado  
 Furrundú doce de pau  
 Do pau do mamoeiro  
 Até parece com uma dança  
 Mas é só doce caseiro  
 Rala, rala, raspa, raspa  
 Esse pau todo grudento  
 Rala, rala, raspa, raspa  
 Esse pau que é alimento  
 O choro do pau no leite  
 Que nem sentimento tem  
 O leite contigo fica  
 A doçura comigo vem

O guri cuiabano tem ainda sua identidade reafirmada com a expressão “chapa i cruz”, aquele que é dali, que pertence a este grupo em todos seus aspectos, um sujeito completo daquele tipo de identidade. As categorias chapa i cruz, pau-rodado e pau-fincado estão presentes no linguajar cotidiano especialmente da baixada cuiabana, ilustradas nas músicas “rasqueado do pau rodado” (música 04) de Henrique e Claudinho e “pau fincado” (música 05) de Vera e Zuleica, marcam pertencimentos a partir do olhar dos não nativos.

**Rasqueado do pau rodado** (música 04)  
**(Henrique e Claudinho)**  
 Não aguento mais ser chamado de pau rodado  
 Já tomo licor de pequi, já danço o Siriri  
 Como bagre ensopado  
 Sou devoto de São Benedito  
 Até já danço o rasqueado  
 Sou devoto de São Benedito  
 Até já danço o rasqueado  
 Adoro banho de rio, vou direto pra Chapada  
 Na noite cuiabana tomo todas bem gelada  
 Sou viciado no bozó, pescaria e cururu  
 Tomo pinga com amargo  
 Como cabeça de pacu  
 Eá, Eá, Eá, só não nasci em Cuiabá  
 Mas no que eu cresci  
 Meu bom Jesus mandou buscar.

**Pau fincado** (música 05)  
**(Vera e Zuleika)**  
 Não importa se eu vim dos vales,  
 Dos pampas ou de além-mares,

Comi cabeça de pacu  
 Logo que cheguei aqui,  
 Quase que eu me embriaguei  
 Tomando licor de pequi  
 Sou par constante  
 Nas rodas de siriri,  
 Sou pau-rodado  
 Mas não arredo o pé daqui!

Na música 04 nota-se todo um esforço despendido por alguém que é de fora mas que deseja fazer parte da cultura local, passa pela comida, dança, religião, práticas recreativas e fecha com uma crença bastante arraigada no estado “quem come cabeça de pacu, não vai mais embora”. É muito comum ouvir “você comeu cabeça de pacu, não é? Agora é daqui, não vai mais embora! ”. Já na música 05, apesar de ter uma origem diferente e reconhecer isso, o sujeito sente-se parte do grupo, assim como em Hallbwachs (2006) é entendido que memórias podem ser apropriadas por outros que não vivenciaram os fatos, neste caso a própria identidade passa por mudanças, aderindo à outras formas de ser, em outras palavras, torna-se um “pau fincado”.

Diante da presença crescente dos “paus-rodados” e “paus-fincados”, ações foram sendo desenvolvidas a fim de valorizar e reavivar as tradições locais por meio da música. Em 1994 a Universidade Federal do Estado de Mato Grosso (UFMT) decide, por meio de um projeto desenvolvido pelo Prof. Ditinho do Instituto Cuiabália, continuar os saraus comuns durante as primeiras décadas do século XX. Os saraus tinham como foco a promoção da cuiabania e também estreitar laços com outras expressões latino-americanas como tangos, boleros e guarânias estabelecendo e evidenciando a ligação com a história de Mato-Grosso.

Os primeiros saraus apresentavam também ritmos nacionais no intuito de configurar seu pertencimento ao país. A partir do décimo sarau, porém, o tema passou a ser “Cuiabá: terra de todas as gentes” onde pessoas das mais diversas partes do Brasil e de outros países, conferem diversidade cultural ao Estado (ARIANO, 2002). A migração passou a ser vista como fonte de estímulo à valorização da cultura local, não de forma fechada ou excludente, mas por meio da aceitação de algo irreversível que sucede de maneira contínua conferindo novas nuances às paisagens culturais.

De maneira mais direta, Dona Belinha, uma famosa cantora cuiabana, conhecida como a “Dama do rasqueado”, falecida em 2015 com 88 anos, apresentou uma lista de comidas cuiabanas em sua música “comida cuiabana” (música 06), mas que apesar do gentílico, não se restringem apenas a este município do estado.

**Comida Cuiabana (música 06)****(Dona Belinha)**

Comida boa comida cuiabana

Peixe frito com farinha, ensopado com banana

Carne seca com arroz

Farofinha de banana, tutuzinho de feijão

A comida cuiabana

Mojica de pintado, ensopado de pacu

Pirão apimentado, sobremesa furrundu

Aqui não tem, aqui não há

Não tem o caruru e não tem o vatapá

Mas aqui tem, mas aqui há, carne seca com quiabo e anguzinho de fubá.

O peixe, a farinha de mandioca, a banana madura e verde, a carne seca, o feijão, o furrundu, são aqui destacadas como símbolos da comida cuiabana. A música é utilizada ainda para indicar o que não faz parte de sua cultura, como o caruru e o vatapá, já que estes são pratos tipicamente nordestinos, estabelecendo fronteiras entre a “nossa comida” e a “deles”, um marcador social (MILLS, 2010), “apropriado e utilizado pelo grupo como sinais diacríticos, símbolos de uma identidade reivindicada” (MACIEL, 2005, p.50). Isso não quer dizer, contudo, que ambos os pratos não sejam encontrados pelas feiras, eventos e outros espaços, mas que não são considerados (pelo menos na letra desta música) elemento da identidade gastronômica mato-grossense, mesmo sendo parte das comilanças quando se opta por comer “algo diferente”<sup>15</sup>.

O ensopado de banana é também destacado, geralmente preparado com banana verde, do tipo banana da terra, conhecida pelos mato-grossenses como “banana de fritar”. A farofa, por outro lado, é feita com banana madura, o que confere um sabor agridoce ao prato. A carne seca com arroz acompanhada de farofa de banana ganhou o nome de “arroz Maria Isabel”. O prato tornou-se típico (inclusive por meio de lei) principalmente na região da Baixada Cuiabana e Pantanal devido à grande produção de carne bovina e a prática de secagem da carne para a sua conservação. Durante a guerra da Tríplice Aliança- Brasil, Uruguai e Argentina contra o Paraguai, foram suspensas as navegações pelos rios Paraguai, Cuiabá e Paraná. Com isso, a economia ficou parada. “O arroz era produzido às margens do Rio Cuiabá e se criava gado. Surge assim o arroz Maria Isabel, prato este que se faz presente não apenas no almoço e jantar, mas também em muitos cafés da manhã, conhecido como ‘quebra-torto’”

<sup>15</sup> A feirinha gastronômica da praça do bairro cavahada em Cáceres oferta além do caruru, vatapá outros pratos nordestinos, assim como chineses, de acordo com conversa realizada com estes produtores em 2016, são bastante aceitos pela comunidade.

(ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO, 2014).

A mujica/mojica também é destaque na música. Trata-se de um ensopado de carne de pintado (peixe de couro) com mandioca, alho, cebola, limão, cheiro verde e sal e o pirão que acompanha grande parte dos pratos com peixe é que o caldo de peixe bem temperado, engrossado com farinha de mandioca. Já o angu de fubá mencionado, prato brasileiro, não deve ser confundido com a polenta italiana. Esta última é preparada adicionando-se o fubá de milho aos poucos, até que se chegue a consistência desejada, que pode ser inclusive de corte, pode ser frita também. Já o angu é como um mingau: o fubá é adicionado à água antes de iniciar o cozimento. O angu muitas vezes é preparado sem adição de sal na versão mato-grossense.

Outras artistas que há muitos anos vem contribuindo com a produção musical mato-grossense são Vera e Zuleica que, desde 1970, assinam a composição de mais de 300 músicas (ARRUDA, 2007). Zuleica é mato-grossense e Vera, carioca. Na música “Casa de Bem-Bem” (música 07) os marcadores de pertencimento e identidade são o lugar, o lazer e a comida.

**Casa de Bem-Bem (Música 07)**

**(Vera e Zuleica)**

Eu tenho orgulho de ser um cuiabano  
De tchapa e cruz com fé senão me engano  
Moro na pracinha, ao lado da Prainha  
Sento na praça para ver as moreninhas  
Gosto de amargo, ventrecha de pacu  
mojica de pintado e bagre ensopado  
Danço rasqueado na casa de bem-bem  
como bolo de arroz e de queijo também.

A Prainha é uma avenida da cidade de Cuiabá, trajeto de trânsito pesado do perímetro, que liga o fluxo entre a capital e o município vizinho Várzea Grande. O nome veio do córrego chamado Prainha, antiga ligação navegável da região do porto ao centro da antiga Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. É um dos eixos fundamentais na circulação de pessoas na capital desde o século XVIII. O córrego era utilizado por pequenas embarcações, como canoas, que conseguiam navegar desde a região do porto até a Praça Aracaty, hoje Praça Ipiranga, comercializando peixes e produtos cultivados nas chácaras próximas ao Rio Cuiabá. Era responsável por grande parte do suprimento de água potável, pesca e lavagem de roupas pelas escravas lavadeiras. A partir do século XIX, com aumento populacional e com mudanças urbanísticas, a condição do córrego foi alterada, sofreu assoreamento o que comprometeu sua navegabilidade. Barcos foram trocados por carros,

as margens foram cimentadas, pontes construídas. Entre 1960 e 1970 o processo de canalização foi finalizado, cobrindo quase todo o córrego. Apenas pequenos trechos continuam descobertos, expondo águas escuras e malcheirosas.

Hoje o que se vê é concreto e asfalto, não mais o movimento de águas límpidas que alimentam não apenas corpos, mas história e identidades. Algumas manifestações requerem a reativação do córrego como parte da paisagem e história da cidade. Um estudo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) propôs um projeto de reabertura do córrego e substituição das pistas da avenida por uma grande área verde: um parque linear no coração da cidade. O projeto jamais chegou a ser implementado (DIÓZ, 2016).

O peixe é um elemento bastante cantado nos rasqueados, com destaque para o pintado e pacu, apesar da ampla variedade existente no estado. O bagre, espécie mais comum e considerada menos nobre, é visto muitas vezes com preconceito, especialmente no que diz respeito aos pratos legitimados pelos restaurantes e mídia em termos de tipicidade, fato este que pode ser comprovado por meio da observação dos menus de restaurantes que em especial recebem turistas. Por outro lado, o consumo do bagre é bastante comum especialmente na alimentação dos ribeirinhos e dos grupos chamados de “bugres”<sup>16</sup>.

O saber dançar rasqueado é destacado nas letras como um dos marcadores que distingue os da terra e os de fora. A música - Casa de Bem-Bem faz referência a um personagem da história de Cuiabá. A casa era conhecida pelos cuiabanos como um lugar alegre e receptivo. Em meados dos anos 70 passou a sediar as tradicionais festas de São Benedito. Constança Figueiredo Palma, "Dona Bem Bem" como era conhecida, foi uma típica cuiabana carismática e solidária nascida em 1919 e falecida aos 71 anos, em 1990. A família Palma, proprietária da casa, cedeu plenos direitos ao governo do estado por meio de comodato desde 2012. Contudo, a restauração caminha em passos lentos comprometendo ainda mais a estrutura já bastante fragilizada do imóvel (LEMOS, 2017).

Nesta música o bolo de arroz ganha destaque. Especialmente na Baixada Cuiabana, Cáceres e Vila Bela da Santíssima Trindade o bolo de arroz é presença constante nos

---

<sup>16</sup> Há indicações que remetem a origem do termo bugre ao Oriente, posteriormente incorporado ao mundo católico. Aos poucos, no Mundo Ocidental, o sentido da palavra bugre vai se transportando de um mundo religioso para um mundo profano, levando consigo a ideia do bugre como o devasso, o sodomita, o pederasta, o infiel em que não se pode confiar, que representa a porção mais baixa da sociedade europeia [...]. Posteriormente este termo vem a ser associado aos índios encontrados na América e, simultaneamente, no Brasil [...]. No convívio diário com a população cacerense, é perceptível o uso frequente do termo “bugre” como desqualificador de uma parcela considerável da população, tanto no ambiente urbano quanto no rural: “bugre é o que vive no mato”; “o bugre é preguiçoso”; “o bugre, você não pode confiar nele, não”; “o bugre é inferior” (GUISARD, 1999).

“tchás co bolo”, nas rezas e festas de santo, merendas.

Assim como a letra anterior que descreve práticas características de um cuiabano de chapa i cruz, ou seja, um cuiabano verdadeiro, a música “Qué sabe dóutra?” (música 08) de Moisés Martins faz uso da comida e a dança como forma de construção identitária, sendo o bolo de arroz parte desta representação. A expressão “qué sabe d’outra” quer dizer: “quer saber o que eu penso?” Nesta música funciona como uma confirmação de identidade cuiabana, afirmando que realiza vários tipos de atividades que correspondem ao que um cuiabano faz geralmente.

**Qué sabe d’outra? (música 08)**

**(Moisés Martins)**

Tomo banho de corgo,  
 Como petchê cô maxixê,  
 Bolo de arroz, arroz cô pequi  
 Sô larido por lambari,  
 Pescado lá na Prainha.  
 Gosto de festa, de procissão,  
 E bebê água na biquinha.  
 Rebuço no rasqueado,  
 Tomo pinga cô raiz.  
 Não perco uma pescaria.  
 Meu negócio é alegria,  
 Quero mesmo é ser feliz!  
 Qué sabê D’Outra?  
 Chupo pitomba no Morro da Luz,  
 Sou devoto de São Benedito,  
 Sou cuiabano de Chapa i Cruz!

O peixe citado - lambari é muito consumido como petisco. A expressão “sô larido por lambari” expressa a paixão por esta comida. Muitos a empregam também para indicar uma fome exacerbada. O “petchê cô maxixe”- peixe com maxixe é tradicional da culinária ribeirinha, mas assim como o bagre, anteriormente citado no texto, raramente é encontrado nos restaurantes de Mato-Grosso. Pode-se cogitar que tal fato seja resultado da escassez destes tipos de peixes ou porquê não são considerados apropriados para serem servidos nestes ambientes ou ainda, que não há demanda. Estas são especulações, requerendo assim investigações a fim de explicar a questão mencionada.

Os lugares citados, a Prainha (comentado anteriormente) e o Morro da Luz, são pontos de referência para as atividades cotidianas. Compõem o Parque Antônio Pires de Campos, em homenagem ao filho do Bandeirante Manoel de Campos Bicudo. É uma área verde localizada no centro da capital, tombada como patrimônio histórico municipal pelo Decreto de Lei nº 870 de 13.12.1983.

Em 1722, contam os historiadores, que o bandeirante Miguel Sutil, guiado por

um índio, tornou-se o primeiro homem branco a chegar ao topo do monte o qual, na época, ficou conhecido como “Lavras do Sutil”, devido ao grande número de pepitas de ouro existente no lugar. Foi o primeiro Parque Urbano do Centro-Oeste Brasileiro, inaugurado em 22 de Maio de 1925, pelo então prefeito Cel. José Antônio Albuquerque. A colina ganhou a denominação de Morro da Luz na década de 40, quando foi instalada no local a empresa de Força, Luz e Água (Efla). Hoje, o Morro da Luz conta com pequenas trilhas e praças e escadaria com 115 degraus que ligam a Avenida Tenente Coronel Duarte (Prainha) ao lado mais elevado da colina, na Rua Manoel Santos Coimbra. Apesar de toda a história e recursos naturais, é um lugar considerado perigoso, uma área de risco, sem qualquer tipo de policiamento onde muitos casos de violência já foram registrados (CÂMARA MUNICIPAL DE CUIABÁ, 20--).

Apesar da maioria dos rasqueados estudados destacarem marcadores identitários cuiabanos, estes são elementos que se alastram pelo estado, cada um expressando modos de ser locais, mas com raízes quase sempre comuns. A música de Pescuma “É bem Mato Grosso” (música 09), assim como seu programa de televisão que carrega o mesmo nome e que foi ao ar pela primeira vez em 2012, tem o intuito de mostrar ao público as riquezas do estado como crenças, histórias, danças típicas, os saberes e sabores culinários, belezas naturais, personagens do folclore mato-grossense, artes e música, sendo esta última o pilar do programa. Músicos regionais de diversas vertentes, seja sertanejo, rasqueado, samba, rock entre outras, participam, valorizando e divulgando as produções locais (GSHOW, 2015). Na letra da música um apanhado cultural é empreendido, tornando visíveis e audíveis várias práticas e cotidianos compartilhados neste território.

**É Bem Mato Grosso (música 09)**

**(Pescuma)**

É bem Mato Grosso  
 O guaraná ralado  
 O pacú assado  
 Manga madura no quintal  
 É bem Mato Grosso  
 Banho de rio ou cachoeira  
 Pescaria no Teles Pires  
 Araguaí ou Pantanal  
 É bem Mato Grosso  
 Festa de santo  
 Churrasco, pixé, cajú  
 É bem Mato Grosso  
 Bombo, viola de cocho  
 Siriri e Cururu  
 É bem Mato Grosso

Belas igrejas  
 Casarões colonias  
 Festas de rodeio  
 Praias, festivais  
 É bem Mato Grosso  
 Grandes rebanhos  
 Plantações fenomenais  
 Um povo hospitaleiro  
 Como não se viu jamais  
 É bem Mato Grosso  
 O sol mais quente que há  
 Aquela bem geladinha  
 A morena e a loirinha  
 Que faz agente suspirar  
 É bem Mato Grosso (3x)  
 Um bailão de rasqueado  
 Ninguém fica parado  
 Até o dia clarear  
 É bem Mato Grosso!

A música, a dança, os instrumentos musicais, a alimentação, os recursos naturais e arquitetônicos, as festas, as pessoas e seus comportamentos constroem a imagem do que é ser cuiabano e mato-grossense. Neste universo, os hábitos alimentares são configurados como instrumentos completos para o conhecimento e reconhecimento dos grupos, “a comida para os seres humanos é sempre cultura” (MONTANARI, 2013, p.10). A transformação do alimento bruto em produto cultural representa identidades, posições sociais, gêneros, significados religiosos, sendo a música um dos veículos para estas expressões.

### Considerações finais

A comida, a música e a dança compõem parte do vasto emaranhado cultural dos grupos sociais, tornando-se verdadeiros marcadores capazes de estabelecer e distinguir pertencas. O gosto, como produto social, é construído ao longo dos tempos a partir da eleição do que é comestível. O cantar durante a produção da comida, assim como o cantar sobre a comida, são práticas cotidianas, reconhecíveis em grande parte das sociedades.

Este cantar pode funcionar como instrumento revelador de cotidianos nem sempre expostos. Ouvir e observar a música como ferramenta captadora do que se passa na vida dos indivíduos e grupos é ampliar de forma considerável as possibilidades de aproximação, conhecimento e compreensão de realidades sociais, especialmente daquelas taxadas como desimportantes, mas que existem e coexistem com as demais,

muitas vezes de forma circunscrita a determinadas áreas.

Conhecer hábitos alimentares dos outros e do próprio grupo é algo que fascina o ser humano, não apenas pelos prazeres que ativam todos os sentidos dos corpos, mas por ser uma das formas de estabelecer e conhecer diferenças (culturais, gênero, raça, classe, etc.), assim como relações de poder. O trabalho de Melinda Mills (2010) intitulado “*Cooking with love: food, gender e power*” apresenta de variadas formas as instâncias de poder construídas a partir do fazer comida e do comer, mostrando diferentes lugares onde o poder explícito ou velado ocupa espaços. Azevedo e Peled (2015) também nos provoca com um estudo interessante nesta arena chamado “artevismo alimentar”, definido como “práticas artísticas, críticas e/ou dialógicas que incorporam o ativismo alimentar inspirado por questões políticas ou socioambientais”. Destarte, a comida e o comer, além de uma necessidade básica do ser humano, é poder, um ato político que expressa tanto de forma saborosa, quanto não palatável, configurações de uma sociedade. “Somos o que comemos socialmente, politicamente, simbolicamente e espiritualmente” (CURTIN e HELDKE, 1992, p.11).

Em meio a tudo isso, a música pode desempenhar o papel de desvelar costumes e práticas que trafegam às margens do “rol da fama”, mas que ali estão e exprimem cotidianos não escritos em nenhum livro, apenas nos corpos dos que as vivenciam e as expressam em seu canto.

## Referências

- ABUD, K. M. Registro e representação do cotidiano: a música popular na aula de história. *Cad.Cedes*, v.25, n.67, p.309-317, 2005.
- AMON,D. MENASCHE,R. **Comida como narrativa da memória social**. Sociedade e Cultura, v.11, n.1, 2008.
- ARIANO, H. A. **Vozes da cuiabania: identidade e globalização no rasqueado cuiabano**. Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.
- ARRUDA, Z. **O que é o rasqueado cuiabano?** Cuiabá: Entrelinhas, 2007.
- ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO. Ata da vigésima sexta sessão ordinária de primeiro de abril de 2014. 5ª moção de congratulações. Disponível em: <[http://www.al.mt.gov.br/docs/doc\\_2725.pdf](http://www.al.mt.gov.br/docs/doc_2725.pdf)>. Acesso em 15 de jan. de 2018.
- AZEVEDO, E.; PELED, Y. “Artevismo” alimentar. *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*. Sao Carlos, v. 5, n. 2, jul.-dez., p. 495-520, 2015.
- BENITES, F. R. G. Imigração e discurso: conflitos identitários na música mato-grossense. *Guavira Letras*, n.10, p.151-157, 2010.
- CÂMARA MUNICIPAL DE CUIABÁ. Parque Municipal Morro da Luz - Antonio Pires de

- Campos. Disponível em: < [http://www.camaracba.mt.gov.br/index.php?pag=tur\\_item&id=32](http://www.camaracba.mt.gov.br/index.php?pag=tur_item&id=32) > . Acesso em 15 de já. De 2018.
- CANDIDO, A. Os parceiros do Rio Bonito. São Paulo: Duas Cidades, 1971.
- CURTIN, D. W.; HELDKE, L. M. **Cooking, eating, thinking: transformative philosophies of food**. Bloomington: Indiana University Press, 1992.
- DURKHEIM, E. **Da divisão do trabalho social**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- FELTRAN, G. S. Sobre anjos e irmãos: cinquenta anos de expressão política do “crime” numa tradição musical das periferias. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n.56, p.43-72, jun., 2013.
- FUINI, L. L. Territórios e territorialidades da música: uma representação de cotidianos e lugares. **GEOUSP-Espaço e Tempo**, São Paulo, v.18, n.01, p.97-112, 2014.
- GRANDO, B. S. **Cultura e dança em Mato Grosso**. Cáceres: UNEMAT, 2005.
- DIÓZ, R. G1 MT. Projeto 'utópico' prevê reabertura de córrego e parque urbano em Cuiabá. 2016. Disponível em: < <http://g1.globo.com/mato-grosso/aniversario-de-cuiaba/2016/noticia/2016/04/projeto-utopico-preve-reabertura-de-corrego-e-parque-urbano-em-cuiaba.html> > . Acesso em 20 de nov. de 2018.
- GSHOW. Saiba mais sobre o É bem Mato-Grosso: um programa que mostra a diversidade de nosso Estado. Disponível em: < <http://gshow.globo.com/TV-Centro-America/E-Bem-MT/noticia/2015/03/saiba-mais-sobre-o-e-bem-mato-grosso-um-programa-que-mostra-diversidade-do-nosso-estado.html> > . Acesso em 29 de jan. de 2018.
- GUISARD, L. A.M. O bugre, um João-ninguém: um personagem brasileiro. **São Paulo em perspectiva**, v.13, n.4, p.92-99, 1999.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- LEMOS, V. Chuvas destroem parte da casa de Bem-Bem em Cuiabá. 2017. Disponível em: < <http://www.midianews.com.br/cotidiano/chuvas-destroem-parte-da-casa-de-bem-bem-em-cuiaba/313569> > . Acesso em 15 de jan. de 2018.
- LÉVI-STRAUSS, C. **O cru e o cozido**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. Disponível em: < <https://docero.com.br/doc/e8x0c> > . Acesso em 25 de mar. de 2019.
- LUCENA, C. T. O banquete na festa do Rosário: sistemas de trocas entre moradores. In: Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais,8, Coimbra,2004. Disponível em: < <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/celiaToledoLucena.pdf> > . Acesso em 07 de mar. De 2018.
- MACIEL, M. E. Olhares antropológicos sobre a alimentação: identidade cultural e alimentação. In CANESQUI, A.M.;GARCIA, R.W. D. (Orgs). **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro:FIOCRUZ, 2005.
- MARIMON, M. Olhar Conceito. Música e culinária típicas marcam o dia do rasqueado na Praça Ipiranga nesta sexta-feira. 2013. Disponível em: < <http://www.olhardireto.com.br/conceito/noticias/exibir.asp?id=3363&noticia=musica-e-culinaria-tipicas-marcam-o-dia-do-rasqueado-na-praca-ipiranga-nesta-sexta-feira> > . Acesso em 15 de jan. de 2018.
- MARTINE, G. **A redistribuição espacial da população brasileira durante a década de 80**. Brasília: IPEA, 1994.
- MINTZ, S.; DUBOIS, C. The anthropology of food and eating. **Annual Review of Anthropology**, v.31, p.99-119, 2002.
- MILLS, M.A. **Cooking with love: food, gender, and power**. Tese (Antropologia), Georgia State University, Georgia, Estados Unidos, 2010.

MEDEIROS, S. Cerveja cuiabana feita com furrundu conquista público no lançamento. 2015. Disponível em: <<http://www.olhardireto.com.br/conceito/noticias/exibir.asp?id=6770&noticia=cerveja-cuiabana-feita-com-furrundu-conquista-publico-no-lancamento-conheca>>. Acesso em 15 de jan. de 2018.

MONTANARI, M. **Comida como cultura**. 2ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2013.

MOSCOVICI, S. Prefácio. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 12ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MT TV. Receita francisquito. 2015. Disponível em: <<https://youtu.be/I1RXgiFhyJE>>. Acesso em 25 de jan. de 2018.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

PORTO, A.T.M., et al. Rasqueado. In GRANDO, Beleni Saléte. **Cultura e dança em Mato Grosso**. Cáceres: UNEMAT, 2005. p.43-50.

TATIT, L. **O século da canção**. São Paulo: Ateliê, 2004. p. 41.

TORRES, M.A.; KOZEL, S. Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia. **Ra'ega**, Curitiba: UFPR, n.2, p.123-132, 2010.

Recebido: 15 abr 2019

Aceito: 25 jun 2019